

10 SETEMBRO 2021

Jorge Sampaio: um testemunho do ISA

Francisco Castro Rego

Tive hoje a notícia do desaparecimento de Jorge Sampaio, um Homem notável que muito deu a Portugal e que é, por isso, muito justamente homenageado.

Tive a honra e o prazer de conhecer pessoalmente Jorge Sampaio em 1994 na altura em que eu era um jovem presidente do conselho diretivo do ISA e ele experiente político presidente da Câmara Municipal de Lisboa (CML). O primeiro encontro era bastante embaraçoso para mim. Eu tinha sucedido ao Prof. Dargent de Albuquerque, também já falecido, e tinha herdado dele um conjunto de projetos de novas edificações com financiamento praticamente assegurado: pavilhões de aulas, gabinetes e laboratórios, anfiteatro, herbário, biblioteca, todos fundamentais para a modernização do ISA. No entanto, os projetos não tinham sido ainda do conhecimento da CML e a Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa (UTL) manifestava preocupação em que o ISA desse deles conhecimento à Câmara. A preocupação da UTL tinha origem no facto de o Instituto Superior Técnico ter construído as suas “torres gémeas” sem delas pedir autorização à Câmara ao abrigo de uma conceção, claramente abusiva, de “autonomia universitária”.

Era, por isso, uma situação embaraçosa aquela em que me encontrava quando fui recebido, a meu pedido, por Jorge Sampaio, para dar conhecimento à CML de um conjunto significativo de projetos até então por ele completamente desconhecidos. É certo que o meu encontro tinha sido agendado, e de alguma forma preparado, pelo chefe de gabinete Tomás Leiria Pinto, engenheiro silvicultor do ISA e meu bom amigo. Ainda assim a minha apreensão com o encontro era grande. Jorge Sampaio, com a sua sempre irrepreensível correção, convidou-me amavelmente para o seu gabinete e disparou de imediato que “tinha muito prazer em conhecer o único presidente de junta de freguesia que ainda não tinha conhecido”. Fiquei gelado. Teria sido traído por um momento de distração e entrado antes de tempo em vez do tal presidente de junta? Vendo a minha perplexidade Jorge Sampaio veio ao meu socorro explicando que quem gere uma área de 100 hectares com habitantes no meio de Lisboa é, de facto, um presidente de junta. Aliviado por não me ter enganado na entrada percebi à minha custa que, por detrás do aspeto formal, estava também uma grande inteligência com humor certo, também muito “british”, que me apanhou desprevenido. A partir daí tudo fluiu muito bem. Os projetos de edifícios foram entregues à CML e a própria relação da Câmara com a UTL melhorou muito como reconheceria mais tarde o reitor Simões Lopes.

O diálogo entre o ISA e a CML continuou muito fácil e construtivo até que surgiram momentos mais difíceis. A CML preparava o seu Plano Diretor Municipal (PDM) e colocava à discussão pública a sua proposta. Acontece que esta proposta era desastrosa para a Tapada da Ajuda, amputando toda a área a sul do edifício principal para a construção da “Via da Meia Encosta” com três vias em cada sentido como numa autoestrada de que não se conhecia a continuação. Esta construção far-se-ia com a destruição dos pomares e vinhas aí existentes. Este era um erro monstruoso no planeamento da cidade que teve, felizmente, a oposição de muitos e, em particular, do ISA. Não se sabia se a contestação, embora generalizada, teria algum efeito na decisão, sabendo-se que, infelizmente, muitas “consultas públicas” são apenas figuras de estilo. Com a CML de Jorge Sampaio não poderia ser assim. A discussão pública do PDM foi, de facto, um verdadeiro exercício de participação e cidadania, com as inerentes consequências. A ideia da “Via da Meia Encosta” foi abandonada. E a posterior classificação da Tapada da Ajuda como Património Cultural fez com que ideias disparatadas de construções ou vias tenham de passar por maior escrutínio. Depois da decisão final do PDM decidi enviar ao presidente da CML uma garrafa da melhor aguardente feita com as uvas que ficaram protegidas pela sábia correção do PDM. Esta seria uma boa “prova” da qualidade da decisão, das uvas e da enologia do ISA. Leiria Pinto, chefe de gabinete, telefonou-me a dizer que Jorge Sampaio achava que não deveria responder oficialmente, mas queria que eu soubesse que tinha apreciado muito o humor do gesto.

Jorge Sampaio saiu da CML e foi candidato à Presidência da República. Juntei-me no apoio à sua candidatura a colegas do ISA amigos de Sampaio de longa data e que com ele partilharam as difíceis lutas académicas e pela democracia: os professores Carlos Portas e Sara Amâncio.

A história com Jorge Sampaio e as Tapadas não tinha ainda acabado. Depois da Presidência da República Jorge Sampaio escolheu a Tapada das Necessidades como local para o seu trabalho. E por algumas vezes pediu-me para ajudar a encontrar soluções para aquela Tapada, de que sabia eu ter sido responsável e agora da responsabilidade da CML. Não consegui ser útil. Ficou feita pelo ISA a história da Tapada e agora o seu inventário botânico. Mas falta muito. Pode ser que, depois das eleições autárquicas se volte a olhar para a Tapada das Necessidades com a dignidade e atenção que Jorge Sampaio reclamava. Seria mais uma homenagem merecida.

Ajuda e Necessidades são duas palavras que se associam bem a um Homem que sempre defendeu as causas justas e a justiça social. E são dois espaços que, por motivos diferentes, sempre associarei a Jorge Sampaio.

Francisco Castro Rego